

O conflito entre Rússia e Ucrânia e seu impacto nos preços de energia.

Por: Manuel Fernandes

Sócio-líder de Energia e Recursos Naturais
da KPMG na América Latina

Business Insights - Série de artigos

Edição N°30 | Setembro • 2022



O conflito desencadeado em fevereiro de 2022 contribuiu para acelerar o aumento dos preços da Energia nos mercados internacionais, que já sofriam alguma instabilidade e tensão em razão da crise sanitária e seus efeitos sobre as cadeias de suprimentos e a atividade econômica global. Como os dois países são produtores e exportadores importantes de energia e alimentos, o conflito retraiu o fornecimento de produtos básicos, como alimentos, e desviou parte da demanda de importação de energia da Rússia para outros mercados -- os países da União Europeia, principalmente, passaram a preferir o fornecimento russo, em protesto contra a invasão ou como medida preventiva diante da ameaça latente de que novos cortes de abastecimento ocorram.

O certo é que a persistência das tensões nos mercados internacionais de matérias-primas agravou os efeitos do conflito armado sobre os preços de energia, levando-os a níveis não vistos desde a alta registrada no período de 2007-2008, quando o petróleo e o gás natural atingiram preços de US\$ 130/bbl (média entre o Brent, o WTI e o Dubai) e US\$ 13/MMBtu (para o gás

natural dos EUA), respectivamente. De acordo com especialistas (Khan, 2009)¹, esse foi o resultado de uma bolha especulativa que inflacionou os preços do petróleo e do gás acima dos níveis de longo prazo. Como se isso não bastasse, às condições anteriores somou-se a recusa da OPEP e dos seus parceiros externos, incluindo a Rússia neste último grupo, em aumentar a produção de petróleo bruto, fato que consolidou a restrição da oferta e o aumento dos preços. No entanto, a energia não foi o único mercado afetado: produtos como a soja, que mais uma vez ultrapassou os US\$ 600/ton.; o alumínio, importante para os processos industriais e a construção; e o níquel, que é decisivo na transição para as energias renováveis e a produção de baterias, apresentaram tendências de alta nos preços nos últimos meses. Todos foram afetados, direta ou indiretamente, pelo conflito entre Rússia e Ucrânia.

As ramificações desses eventos decorrentes da conjuntura internacional afetam não somente as matrizes produtivas das economias globais por meio do aumento dos custos industriais, especialmente de alimentos, construção, petroquímica e transporte, entre outros; mas também, paralelamente, causam um aumento quase proporcional dos preços internos que o consumidor deve enfrentar (inflação). Esse fenômeno, que costuma atingir diretamente o poder aquisitivo interno dos países pobres e emergentes, começou a se alastrar nos últimos meses. Trata-se de mais uma consequência do conflito armado para as economias do mundo desenvolvido, deixando-as perplexas diante de um cenário até então desconhecido. Foi assim que, na **União Europeia** (UE), a inflação interanual atingiu o recorde histórico de 8,6% no mês de junho², sendo determinante a escalada do preço de energia como resultado da "guerra" de sanções e contra as sanções entre o bloco de países europeus e a potência russa, sobretudo no que se refere ao gás natural. Nos **EUA**, a

A inflação interanual atingiu o recorde histórico de 8,6% no mês de junho²



1 "The 2008 oil price 'bubble'", Policy Brief, Peterson Institute for International Economics, agosto de 2009.

2 "Euro zone inflation hits record 8.6% as the European Central Bank prepares for its first rate hike in 11 years", CNBC, julho de 2022, <https://www.cnbc.com/2022/07/01/euro-zone-inflation-8point6percent-in-june ECB to hike rates for first time in 11 years.html>

inflação também está atingindo níveis não vistos em décadas, chegando a 9,1% interanual em junho³. O fato tem levado a decisões de política econômica que, por advirem de uma potência, afetam o mundo inteiro. Como se tudo o que descrevemos até aqui não fosse suficientemente alarmante, o **Fundo Monetário Internacional** (FMI) acaba de cortar as projeções de crescimento global para 2022 e 2023, observando que elas foram “significativamente obscurecidas”⁴ em função do conflito entre Rússia e Ucrânia. Na **América Latina**, onde a maioria dos países vinha registrando uma aceleração significativa do custo de vida durante o primeiro semestre de 2022, (especialmente na **Argentina** e **Venezuela**, que em junho atingiram taxas interanuais de 64% e 170%, respectivamente; também no **Chile, Colômbia, Brasil, Peru, Paraguai e Uruguai** que, no mesmo período, viram disparar a taxa interanual de inflação para valores entre 8% e 12%)⁵, as estimativas privadas preveem uma taxa de inflação média que pode ultrapassar os 12% para toda a região até o final de 2022. Adicionalmente, em todos os casos, **a aceleração dos preços internacionais de energia é um determinante crucial da inflação doméstica.**

Como o Banco Mundial destacou recentemente em um estudo realizado pelos seus especialistas sobre o impacto do conflito entre Rússia e Ucrânia nos mercados internacionais de commodities (Banco Mundial, 2022)⁶, a implementação de uma ampla gama de políticas de segurança energética e alimentar pelos governos, visando mitigar o impacto da crise na economia doméstica – baseada principalmente na autossuficiência, quase como uma extensão das medidas que tiveram que adotar durante a pandemia em face da interrupção global

das cadeias de suprimentos, e na redução da transferência dos custos externos para os preços ao consumidor –, é insuficiente se os problemas subjacentes não forem resolvidos de maneira eficaz. Isto é particularmente verdadeiro na **Latinoamérica**, onde os orçamentos públicos deprimidos e os problemas econômicos pré-existentes, como inflação, baixo crescimento, altos níveis de pobreza, dependência de crédito externo, etc. são profundamente impactados pelos eventos conjunturais e têm sua frágil estabilidade abalada. Mesmo considerando que muitas dessas economias são *players* importantes nos mercados externos de matérias-primas, especialmente em energia e alimentos, é inevitável que os países sofram as consequências desses aumentos quando são incapazes de desvincular seu impacto dos preços internos. Os efeitos são particularmente danosos nas economias que importam esses bens, especialmente na **America Central**), ou que não contam com os excedentes exportáveis necessários para compensar a perda do valor de compra, seja por dificuldades na produção, seja como resultado de políticas internas que favorecem os mercados internos e os tornam mais “fechados” – por exemplo, aumentando as tarifas de exportação, estabelecendo cotas ou qualquer outra medida destinada a proteger a autossuficiência e a segurança alimentar.

Portanto, graças à aceleração dos preços internacionais, é provável que os preços domésticos continuem sua trajetória de crescimento nos próximos meses, podendo atingir níveis médios recordes em toda a **América Latina, o que certamente pressionará as metas fiscais, monetárias e econômicas de muitos países da região em um ambiente de grande incerteza**. O mundo deixou a pandemia de COVID-19 para trás, mas o



3 “Inflation rose 9.1% in June, even more than expected, as consumer pressures intensify”, CNBC, julho de 2022, <https://www.cnbc.com/2022/07/13/inflation-rose-9point1percent-in-june-even-more-than-expected-as-price-pressure-intensify.html>

4 “Jefa del FMI tampoco descarta una recesión mundial: el panorama se ha “oscurecido significativamente””, Economía y Mercados, América Economía, julho de 2022, <https://www.americaeconomia.com/fmi-no-descarta-recesion-mundial>.

5 “La inflación siguió al alza en América Latina en junio: así se movieron los precios”, Bloomberg Línea, julho de 2022, <https://www.bloomberglinea.com/2022/07/29/la-inflacion-siguió-al-alza-en-américa-latina-en-junio-asi-se-movieron-los-precios/>

6 “Special Focus: The impact of the war in Ukraine on Commodity Markets”, Commodity Markets Outlook, World Bank, abril de 2022.

conflito armado entre Ucrânia e Rússia volta a acarretar perdas humanas e materiais irreparáveis, revelando, como já havia acontecido durante a crise sanitária, as desvantagens de depender de cadeias de suprimentos baseadas em fontes externas. No caso específico da **América Latina**, os riscos de continuar atrelando seu crescimento à volatilidade dos preços das matérias-primas e do capital estrangeiro são evidentes. Mas, exceto por alguns Países, a região ainda não conseguiu gerar avanços significativos no desenvolvimento dos setores de maior valor agregado, o que torna ainda mais difícil desvincular sua produção e suas exportações dessa dependência. Fica claro qual deve ser o objetivo da região e suas economias: a articulação de um plano de desenvolvimento sustentável que aproveite os recursos naturais não mais como commodities, mas como insumos para o fomento de outros setores mais produtivos e competitivos, especialmente aqueles que registraram um impulso sem precedentes durante a pandemia, como indústrias tecnológicas, serviços de TI, bioeconomia e economia circular. **Um setor de energia desenvolvido e sustentável, focado em fontes limpas, é mais valioso do que nunca, e a região tem uma vantagem comparativa e competitiva clara neste aspecto.** Talvez assim, a região possa finalmente minimizar os efeitos que a conjuntura internacional e a volatilidade dos preços das matérias-primas produzem, de tempos em tempos, sobre suas economias. O caminho é claro e a decisão é exclusivamente nossa.



É hora de transformar insights em oportunidades



Rua Arquiteto Olavo Redig de Campos, 105, Torre A, 6th - 12th floor - ZIP CODE: 04583-110 - São Paulo, SP / Brazil.

© 2022 KPMG Auditores Independentes Ltda., uma sociedade simples brasileira, de responsabilidade limitada e firma-membro da organização global KPMG de firmas-membro independentes licenciadas da KPMG International Limited, uma empresa inglesa privada de responsabilidade limitada. Todos os direitos reservados.COM211255

O nome KPMG e o seu logotipo são marcas utilizadas sob licença pelas firmas-membro independentes da organização global KPMG.